

Um semestre semeando conhecimentos: relatório das atividades do estágio não obrigatório

A Semester sowing knowledge: report of non-compulsory internship activities

Un semestre semeando conocimientos: informe de las actividades de la fase no obligatorio

Suiane dos Santos¹

Resumo: Este trabalho se propõe a apresentar atividades realizadas no quinto ano de uma escola municipal de bairro periférico. Ao longo deste relato será possível ter noções de espaço e organização da escola, bem como a importância dada ao bom funcionamento da mesma. Em seguida, detalha-se como as aulas eram ministradas, levando em consideração o comportamento dos alunos. Buscou-se apresentar as atividades referentes ao mês de junho de 2017, quando foram realizadas as avaliações dos alunos. Considerando-se, principalmente, a maturidade dos alunos envolvidos, foi possível perceber seus pontos fortes e fracos. Observou-se, ainda, como cada matéria era desenvolvida e o olhar e preferências dos alunos para cada uma delas. Sabendo que este é um assunto discutido na atualidade pelos pesquisadores da área, relatam-se as instruções dadas aos professores e estagiários sobre as avaliações. Por fim, expõem as impressões sobre essa experiência, a qual se mostrou enriquecedora e, ao mesmo tempo, desafiadora diante da consciência de que “ser professora” parece estender-se a ser, também, enfermeira, psicóloga, treinadora, dançarina, amiga, enfim, “mil e uma utilidades”.

Palavras-chave: Educação. Ensino. Práticas.

Abstract: *This work proposes to present activities carried out in the fifth year of a municipal school in a peripheral neighborhood. Throughout this report will be possible to have notions of space and organization of the school, as well as the importance given to the proper functioning of the same. Next, it is detailed how the classes were given, taking into consideration the behavior of the students. The activities related to the month of June of 2017 were presented, when the students' evaluations were carried out. Considering, mainly, the maturity of the students involved, it was possible to perceive their strengths and weaknesses. It was also observed how each subject was developed and the students' gaze and preferences for each one of them. Knowing that this is a subject currently discussed by researchers in the field, the instructions given to teachers and trainees about the evaluations are reported. Finally, they present the impressions about this experience, which has been both enriching and challenging in the face of the awareness that “being a teacher” seems to extend to being also a nurse, psychologist, coach, dancer, friend, finally, “a thousand and one utilities”*

Keywords: Education. Practices. Teaching.

Resumen: *Este trabajo se propone presentar actividades realizadas en el quinto año de una escuela municipal de barrio periférico. A lo largo de este relato será posible tener nociones de espacio y organización de la escuela, así como la importancia dada al buen funcionamiento de la misma. A continuación, se detalla cómo las clases se imparte, teniendo en cuenta el comportamiento de los alumnos. Se buscó presentar las actividades referentes al mes de junio de 2017, cuando se realizaron las evaluaciones de los alumnos. Se consideró, principalmente, la madurez de los alumnos involucrados, fue posible percibir sus puntos fuertes y débiles. Se observó, aún, cómo cada materia era desarrollada y la mirada y preferencias de los alumnos para cada una de ellas. Sabiendo que este es un asunto discutido en la actualidad por los investigadores del área, se relatan las instrucciones dadas a los profesores y pasantes sobre las evaluaciones. Por último, exponen las impresiones sobre esa experiencia, la cual se mostró enriquecedora y, al mismo tiempo, desafiante ante la conciencia de que “ser profesora” parece extenderse a ser, también, enfermera, psicóloga, entrenadora, bailarina, amiga, en fin, “mil y una utilidades”.*

Palabras clave: Educación. Enseñanza. Práticas.

1 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

INTRODUÇÃO

A realização do estágio estabelece uma experiência importante que contribuirá para a realização de um trabalho cada vez mais consciente, sabendo como evitar situações na realização de qualquer atividade em sala de aula, facilitando o método de aprendizagem dos alunos. Desta forma, o estágio é um dos momentos mais significativos de qualquer curso de graduação, onde os estudantes criam perspectivas em relação ao que vai ocorrer nesse tempo, uma vez que após visto os conhecimentos teóricos, é o momento de colocar em prática tudo aquilo que foi discutido durante o curso de formação, levando a teoria para a prática na sala de aula ou em outro ambiente de trabalho. Daí a importância, não apenas do estágio como também de todo o processo de formação acadêmica, ou seja, o embasamento teórico visto na sala de aula também é de grande importância para a realização do estágio, já que é o conhecimento científico que o estagiário coloca em prática durante o estágio.

A realização do estágio complementa na prática os temas abordados nas aulas pelos professores (as). Assim o estudante pode absorver com mais facilidade o conhecimento sobre a profissão escolhida, pois para os alunos que ainda não exercem o magistério, esse pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso, e principalmente, uma aprendizagem da profissão docente, troca de experiências entre os professores e demais funcionários, compartilhamento de novas ideias, conceitos, planos e estratégias. De acordo com Pimenta e Lima (2011) o estágio para os alunos que se encontram em fase de formação inicial que ainda não exercem o magistério é considerado como um estágio de boas-vindas de novos companheiros de profissão, estes serão os alunos que assumirão os lugares dos professores de hoje, continuando o trabalho iniciado, tendo consciência da atuação, desempenho e do compromisso que a profissão possui em relação ao estágio curricular, tendo uma postura ética, respeito

pelos alunos e pelo trabalho realizado, traduzindo em planejamento, execução e avaliação de um projeto de estágio em que alunos e professores sejam sempre estagiários da prática pedagógica.

Sendo assim, a seguir apresento o resultado das observações e atividades, bem como os dados recolhidos. A construção do relatório de estágio sinaliza a concretização de uma experiência produtiva, que proporciona aos alunos da graduação em licenciaturas, competências e habilidades que nos qualificará para o exercício da docência.

BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA PADRE PEDRO

As atividades foram realizadas na Escola Municipal Padre Pedro, localizada na rua 1, nº12 do Conjunto Marcos Freire I, município de Nossa Senhora do Socorro, Sergipe (SE). Contarei as experiências obtidas como professora do 5º Ano do Ensino Fundamental, antiga 4ª série. Única turma desta série na escola, com alunos se preparando para a Prova Brasil, que aconteceu em novembro do ano de 2017. A escola foi fundada em abril de 2001, na gestão do Prefeito José do Prado Franco Sobrinho. A primeira clientela da escola tinha um elevado índice de distorção idade/série, com alunos considerados problemáticos.

Além de serem muito carentes, as crianças apresentavam indisciplina e violência, mas essa situação foi contornada desenvolvendo atividades que buscavam resgatar a autoestima do alunado. Nos anos seguintes a escola deu prosseguimento à adequação da faixa etária a sua série correspondente, deixando os alunos nas séries em que lhes cabiam os conhecimentos.

No ano letivo de 2005 a escola se destacou no cenário municipal, estadual e nacional, participando de concursos e ficando com o primeiro lugar em diversos deles, tendo alunos e professores premiados. Um destes foi a Olimpíada de Astronomia e Astronáutica, promovida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2006 assumiu a gestão a professora Luciana dos Santos, que ficou até 2017, quando foi convidada a fazer parte da

Secretaria de Educação de Nossa Senhora do Socorro (SE)².

A escola já ofertou a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas agora funciona apenas nos turnos da manhã e da tarde. Pela manhã, três salas da educação infantil e outras 3 salas com Ensino Fundamental até o 3º ano. À tarde Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, com uma turma do 1º, uma do 2º, uma do 3º e uma do 5º ano e duas turmas do 4º ano. Sobre essas turmas dos 4ºs anos é importante dizer que são turmas rotuladas como boa e ruim. As crianças consideradas melhores alunos são do 4º A, sob os cuidados de uma estagiária e os alunos considerados problemáticos fazem parte do 4º B, sob os cuidados de uma professora aposentada que entrou na escola por meio do processo seletivo que a prefeitura de Nossa Senhora do Socorro (SE) realizou em 2016. Essa professora foi escolhida para essa turma por sua vasta experiência em alfabetização.

PP, como é carinhosamente chamada a Escola Padre Pedro, contém três salas de aula no primeiro piso e também três salas no segundo piso, todas com ar condicionado, o que possibilita um melhor desenvolvimento das práticas realizadas, trazendo conforto para alunos e professores (as). Além dessas salas a escola ainda tem sala de leitura mobiliada com estantes para acomodar os diversos livros literários (coleções do Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa – PNAIC), didáticos e histórias em quadrinhos, mesas e cadeiras, armários, mapas, globos terrestres, ábacos e jogos de tabuleiro (damas, xadrez e etc.). É nesta sala que são realizadas algumas reuniões com professores (as) e onde eles (as) se acomodam antes do início das aulas.

Ao lado tem a secretaria e diretoria, uma dando acesso a outra respectivamente. Em frente, tem três banheiros para uso dos funcionários sendo um deles para deficientes, que é utilizado pelas crianças quando os outros estão ocupados. Refeitório com mesas e bancos que por ser um espaço pequeno, o lanche é servido por turmas, em horários agendados e

as vezes a merendeira levava o lanche para ser comido nas salas de aulas, (sempre era pedido que os alunos tomassem cuidado para não deixar que alimentos caíssem no chão).

Ainda na parte de baixo funciona a cozinha, área de serviço, sala de informática com cerca de vinte computadores e uma smartTV em bom estado de conservação. É um outro espaço onde as reuniões dos (as) professores (as) acontecem. E ao lado banheiros femininos e masculinos, adequado ao tamanho das crianças de 4 a 8 anos, já que no primeiro piso as salas são destinadas para a educação infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. E a sala do almoxarifado com materiais utilizados nas aulas de Educação Física e nos desfiles cívicos.

Na parte de cima além das três salas, há um banheiro feminino e um masculino, neles os alunos formam filas para usar após o intervalo e as aulas de Educação Física. A escadaria é consideravelmente perigosa, já perdeu seu antiderrapante e quando chove fica molhada depois da passagem dos alunos. Cada sala tem aproximadamente vinte e sete mesas com cadeiras de cores brancas com vermelhas, (mas em cada sala o número máximo de alunos é 25), um armário, birô e cadeira para professor. As portas das salas são enfeitadas com bonecas de E.V.A., o número da turma e o nome da professora dos dois turnos em que a escola funciona para facilitar às crianças e aos pais localizá-la, mostrando assim, o desejo de tornar um lugar agradável e lúdico para as crianças. Fica evidente que a organização do espaço escolar como um todo contribui para a educação dos alunos, fazendo parte de um processo desenvolvidor da capacidade física, intelectual e moral da criança como ser humano, visando sua integração individual e social.

Nas paredes da sala têm desenhos e os trabalhos das crianças além de ficar nas salas também ficam expostos no corredor principal da escola. Neste corredor tem um quadro com as fotos dos alunos, professores, gestores e funcionários que compuseram a equipe responsável pelo melhor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do estado de Sergipe em 2015. E é onde os alunos esperam, enfileirados, pelo ônibus da prefeitura para levá-los para casa ao final das aulas.

2 Fonte: Danielson Silva Barreto, coordenador da Escola Municipal Padre Pedro no ano de 2017.

Compondo o corpo docente, ao todo são 12 professores, incluídos estão, o professor de Educação Física, que dá aula apenas aos 4ºs anos e 5º ano. E a professora de Informática que também atende as mesmas turmas, dois dias na semana. 1 cuidadora para um aluno do 3º ano com deficiência cognitiva. 1 cozinheira e dois ajudantes de cozinha de uma empresa terceirizada que presta serviços as escolas do município, 2 funcionários da limpeza, a gestora, uma secretária, uma coordenadora e 3 professoras reajustadas, 2 delas trabalham na sala de leitura e a outra que tem baixa visão, trabalha na secretaria.

A escola atende, além das crianças do Marcos Freire I, a cerca de 6 outros bairros do município como Marcos Freire II e Marcos Freire III, Piabeta, Mutirão, Fernando Collor e João Alves, considerada uma escola de alto nível de ensino, acaba sendo disputada pelos pais para conseguir vagas para seus filhos. O ônibus escolar leva as crianças de casa para a escola e dela para casa nos dois turnos de aulas. Assim a escola atendeu a aproximadamente 300 alunos, divididos nos turnos da manhã e da tarde no ano de 2017.

ANTES DA PRÁTICA

A oportunidade de estágio aconteceu devido à necessidade de professores na Educação Básica no município de Nossa Senhora do Socorro (SE). Como paliativo, já que não havia tempo hábil para fazer concurso público ou processo seletivo, a prefeitura contratou alunos estagiários de diversas faculdades para atuarem como professores, muitos destes sem nem mesmo ser pedagogos, mas sim, de licenciaturas específicas. Foram colocados para creches e escolas de ensino fundamental com contrato de seis meses, podendo ser renovado para mais seis meses.

Tudo foi feito muito rápido, dado o início do ano letivo de 2017, que aconteceu na última semana de fevereiro. Fui chamada a escola pela gestora para uma reunião pedagógica que ocorreu na semana anterior ao começo das aulas na própria escola. Nessa reunião chamada de jornada pedagógica, o

calendário anual foi combinado entre todos os professores, sendo escolhidos quais feriados prolongados a escola iria aderir e quais não iriam, para formar os 200 dias letivo que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no seu artigo 24, inciso I cita: “a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservados aos exames finais, quando houver;” (BRASIL, 1996).

Além do calendário, foi nos informado sobre o programa Novo Mais Educação que a escola, por ter tido uma boa nota no IDEB, conseguiu que novamente os alunos pudessem ser contemplados e participassem dele. O programa consiste em aulas de Português, Matemática e muitas formas de artes, no horário contrário as aulas normais, para que as crianças tenham um reforço educacional e ocupem o tempo ocioso. O que trouxe alegria para os alunos já envolvidos com diversos tipos de arte. Também fomos instruídos a decorar as salas para receber os alunos.

ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA

Começarei minha análise citando a Didática Magna de Comênio (1957, p.84) quando ele diz que,

Com efeito, tudo o que somos, fazemos, pensamos, imaginamos, adquirimos e possuímos não é senão uma espécie de escada, na qual, subindo cada vez mais acima, é certo que subimos sempre degraus mais altos, mas nunca chegamos ao último.

Assim vemos que as crianças estão usando essa escada de conhecimento que as levará a outros e outros patamares e nunca chagará ao fim, pois como diz um ditado popular, “aprendemos, aprendemos e morremos leigos”. Mas de forma menos grotesca, as crianças apenas entre 9 e 10 anos têm todas as oportunidades para adquirir cada vez mais conhecimentos que os levarão em direção a uma vida melhor, sabendo distinguir o certo e o errada, o que é bom e o que é ruim para

suas vidas e escolher sempre a melhor opção. E aproveitando as aprendizagens de diferentes lugares, não apenas ligadas à escola, tendo em mente que o conhecimento está posto para os que tiverem interesse em obtê-lo.

O professor como ferramenta para essa promoção de conhecimento precisa traçar objetivo já que Libâneo afirma que “não há prática educativa sem objetivo” (1994, p.120). Assim, antes de ir para a sala de aula, precisamos saber o que queremos que os alunos aprendam, traçar planos e metas, objetivos gerais e específicos para desenvolver competências e habilidades. Segundo Libâneo (1994, p.121) “Os objetivos educacionais são, pois, uma exigência indispensável para o trabalho docente, requerendo um posicionamento ativo do professor em sua explicitação, seja no planejamento escola, seja no desenvolvimento das aulas”.

Baseando-se nisso, o coordenador do Padre Pedro pediu que todas as segundas-feiras, nós professores, entregássemos o planejamento semanal das aulas para que passasse por seu crivo. Analisando se os objetivos e as atividades correspondiam ao nível em que os alunos estavam e cobrando deles sempre o “mais”. Mas, não além do que as crianças pudessem acompanhar, preocupado com que eles conseguissem ligar um conteúdo ao outro sem pular etapas da aprendizagem. Quanto a isso Libâneo (1994, p.144) fala que

Deve-se observar, assim, que um conteúdo demasiado complicado e muito acima da compreensão dos alunos não mobiliza a sua atividade mental, leva-os a perder a confiança em si e a desanimarem, comprometendo a aprendizagem. Por outro lado, se o conteúdo é muito fácil e simplificado, leva a diminuir o interesse e não desafia o seu desejo de vencê-lo.

Feitos os planos de aula, é hora de ir a prática, que na prática não é tão tranquilo quanto fazer os planos sozinha, em casa, no silêncio. Lá, com 24 alunos, ser onipresente é o maior sonho de consumo de qualquer professor, para atender a todos os chamados desesperados por atenção. Os temperamentos

dos pequenos indivíduos eram divididos em duas partes, antes e depois do intervalo para o lanche e o recreio. Antes estavam animados, depois desejosos da aula de Educação Física e isso tanto meninas quanto meninos. É notável o aumento do número de meninas que se dispõem a participar das atividades físicas, quando antes era uma atividade majoritariamente masculina.

Antes do intervalo estavam todos dispostos a aprender coisas novas, falantes, contando uns para os outros em alta voz como tinham sido à noite e à manhã anteriores as aulas, aonde tinham ido, o que tinham feito, entre milhares de outras coisas. Para diminuir o falatório, em todas as aulas eram destinados vinte minutos para leitura de algum livro escolhido por eles. Às vezes eles liam, cada um o seu livro escolhido em voz baixa e na maioria das vezes eu lia, já estavam habituados a ter esse tempo para a leitura deleite. Além de ouvirem as histórias, comentavam o enredo e sempre aproximavam às suas realidades.

Depois disto as atividades que iam para casa, no livro ou no caderno eram corrigidas por todos juntos, cada um dizendo o que tinham respondido. É interessante notar que nessa fase eles não tem medo de errar, corrigem sem vergonha do erro, diferente de nós adultos, que muitas vezes deixamos de dar alguma resposta por considerarmos antecipadamente que esteja errada e frente às outras pessoas tenhamos que reconhecer um erro.

Após a correção, os conteúdos eram transmitidos, já que como foi dito antes, o mês de junho foi dedicado às provas bimestrais. Então as duas primeiras semanas do mês foram destinadas para terminar de passar para os alunos os conteúdos de Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Sociedade e Cultura, Arte e Redação. Juntamente com atividades que facilitavam a compreensão dos mesmos.

A melhor forma que encontrei para o ensino de substantivos foi através de leitura, que o próprio livro didático ajudava, contendo histórias indígenas e hinduístas. Depois do conteúdo dado, lemos contos e histórias e em

seguida eram realizados diversos exercícios para fixação e assim era feito com os outros conteúdos da língua portuguesa. Exceto quando trabalhado os gêneros textuais, como por exemplo, as Histórias em Quadrinhos (HQS). Levei e pedi que os alunos também levassem as suas revistinhas porque íamos trabalhar com elas encontrando os substantivos. Além disso, confeccionaram seus próprios HQS e contaram as estórias contidas neles. Uma coisa que impressiona é que sempre que construíam textos focavam na violência que eles presenciavam, fosse uma redação ou um HQ, o contexto social deprimente batia a porta.

Para esse tipo de atividade os estudantes sempre se mostravam dispostos a realizar. Colagem de figuras, confecções de trabalhos em cartolina, pinturas, montagem de painéis, entre outros. Vale destacar a atividade da carta de Pero Vaz envelhecida que todos fizeram em casa seguindo a receita dada em sala de aula. Com uma folha de papel A4, borra de café, algodão e criatividade, fizeram com que suas cartas aparentassem que tinha sido escritas a anos.

Quanto à disciplina de matemática, fiquei surpresa ao perceber a quantidade de alunos que se interessavam por ela, mas percebi que eles não tinham domínio do ato de ler e escrever a linguagem matemática. Então fui para o início de tudo, as operações mais simples para que eles adquirissem o vocabulário matemático como soma, divisão, multiplicação e assim por diante. Até chegar a junho nas operações com frações. O que fazer para ensinar frações, que é um dos conteúdos mais complicados da matemática? Partindo para os alimentos!

Crianças sempre entendem quando alguém pega uma de suas fatias de pizza, uma de suas balas e por aí vai. Fiz com que formassem duplas e dividissem suas balas, escrevi no quadro problemas que eles estavam criando naquele momento ao dividir suas balas com os colegas. E para provar que aprenderam um por um foi no quadro resolver o seu problema. Porque conforme Danyluck (1998, p.234) “ao professor alfabetizador compete tornar vivos os momentos de criação de escritas durante as aulas”.

Os assuntos também foram tratados criticamente já que sabemos que tudo é fracionado inclusive a economia brasileira, a desigualdade está aí para provar isso. Muitos com pouco e poucos com tudo. Quanto a isso Libâneo trata assim,

Uma pedagogia de cunho crítico-social reconhece a objetividade e universalidade dos conteúdos, assim reconhece que nas sociedades capitalistas difundem-se um saber que reflete os interesses do poder, isto é, um saber que seja vantajoso para reforçar a atual forma de organização social e econômica. (LIBÂNEO, 1994, p.136)

Na semana que antecede a semana das provas a escola pede que sejam feitas revisões de todos os conteúdos trabalhados durante o bimestre. A revisão foi feita tanto oralmente, repassando todos os conteúdos, quanto escrito, num compilado de perguntas que potencialmente iria para a prova. As crianças responderam, tiraram suas dúvidas e algumas coisas tiveram que ser exercitadas novamente para que os fundamentos básicos não fossem esquecidos.

As provas passaram pelo mesmo crivo dos planos de aula. Foram feitas levando em consideração que os alunos tinham que interpretar textos para responder corretamente às perguntas. Também deveriam ter questões que remetesse aos alunos a Prova Brasil, contendo questões objetivas. Todos os estagiários também receberam orientações da coordenação pedagógica a cerca das notas, que devíamos dar pontos aos alunos pelos seus comportamentos em sala de aula e para quem plastificou as capas dos livros para conservá-los novos, sobre isso Luckesi diz

Os professores fazem promessas de “pontos a mais” ou “pontos a menos” em função de atividades escolares regulares ou extras, que não estão essencialmente ligadas a determinado conteúdo. Como exemplo, podemos mencionar o professor que diz: “Quem, na próxima semana, trazer todo o material necessário para as atividades de ciências já terá um ponto

a mais na nota do final do bimestre. (LUCKESI, 2001, p.21)

As ordens sobre isso vêm de cima, com o objetivo de manter as notas dos alunos boas, mesmo que provas e atividades em sala de aula provem que o aluno não aprendeu algum conteúdo.

Vamos para o caso do aluno José (nome fictício), ele tem comprovado déficit de atenção, está no 5º ano, mal sabe ler, não reconhece algumas letras do alfabeto e conseguiu chegar aonde chegou. Perguntei a alguns alunos em particular como ele tinha conseguido ser aprovado esses anos e a resposta foi: ele é aprovado por causa das notas das aulas de leitura. Na verdade está foi uma desculpa que a escola arranhou para promover esse aluno e fazer com que ele saia o mais rápido possível da escola. Percebi que isso é o contrario do que Demo pontua

A gloria do professor não é dar aula, mas tomar na mão, no início do semestre, um aluno em má situação de aprendizagem e colocá-lo bem no fim do semestre, sustentando passo a passo seu aproveitamento. Dá muito trabalho, mas é isso que define o professor. "Dar aula", sobretudo aquela apenas reprodutiva, qualquer parábola faz melhor. DEMO, 2003, p.15)

Nesse caso, os antigos professores de José foram parábolas reprodutoras, que provavelmente nem prestaram atenção neste aluno, já que o foco está em Maria (nome fictício) que sempre se sentou na frente do professor e tirava as maiores notas. E José continua lá, sendo aprovando enquanto a desculpa da leitura funciona.

CONCLUSÕES

Percebo que o curso de pedagogia não ensina aos futuros pedagogos os conteúdos que temos que passar para os nossos alunos, o Google – caso não saiba o conteúdo – faz esse papel e, diga-se de passagem, muito bem feito. Aprendemos a fazer planos de aulas na disciplina de Didática e nas dos ensinamentos

específicos, mas não aprendemos quais são os conteúdos que alunos do 5º ano vêm em história e também não aprendemos como resolver expressões. Parte-se do pressuposto de que trazemos todos esses conteúdos frescos nas nossas mentes desde os anos iniciais. Sorte de quem fez um ensino fundamental bem feito e consegue se lembrar de alguns assuntos. E nem todo Piaget e Vygotsky do mundo ensina a ter domínio de sala numa segunda-feira após um fim de semana animado.

Visto que os anos iniciais de educação é a base para um futuro promissor, o olhar para esse nível deve ser diferenciado, todas as forças precisam ser empregadas para que as crianças consigam desenvolver suas habilidades e criticidade. Para que tenham autonomia para irem atrás de novos conhecimentos desprendidos dos muros da escola.

A aproximação com a prática docente permite perceber as necessidades tanto da escola quando dos alunos em especial, sentir quais são os seus anseios, que são diferentes dos que tínhamos na infância, mas que a essência de criança não muda, crianças são crianças. Nós professores precisamos ter um olhar individual para cada um, o que não é fácil com turmas com um grande quantitativo de alunos, mas necessário para que todos alcem seus próprios vôos, nas direções escolhidas por eles e não imposta por outros. Sendo todo esse processo de aprendizagem e descobertas importante para a formação acadêmica, consigo refletir sobre a importância desse ambiente para o professor, funcionando como um mediador do conhecimento.

Com este trabalho vislumbro a perspectiva, ainda que tímida, de está contribuindo para que outros estagiários possam se espelhar e levar para sua prática pedagógica alguns conhecimentos pontuados porque como disse Paulo Freire (2006, p. 58) "Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICKZ, Anete; MORUZZI, Andrea B. **O Plural da Infância**. São Paulo: UFSCar, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394/96. 8.ed. Brasília, 2013.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Os estágios nos cursos de licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

COMÉNIIO, João Amós. **Didática Magna: tratado da arte universal do ensino de tudo**. 4. Ed. Praga: Fundação Colouste Gulbenkian, 1957.

DANYLUCK, Ocsana. **Alfabetização Matemática: as primeiras manifestações da escrita infantil**. Porto Alegre: Ediupf, 1998.

DEMO, Pedro. Apresentação. In: FARIA, Lia Ciomar Macedo de; SOUZA, Donaldo Bello de. (orgs). **Desafios da Educação Municipal**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 11. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.